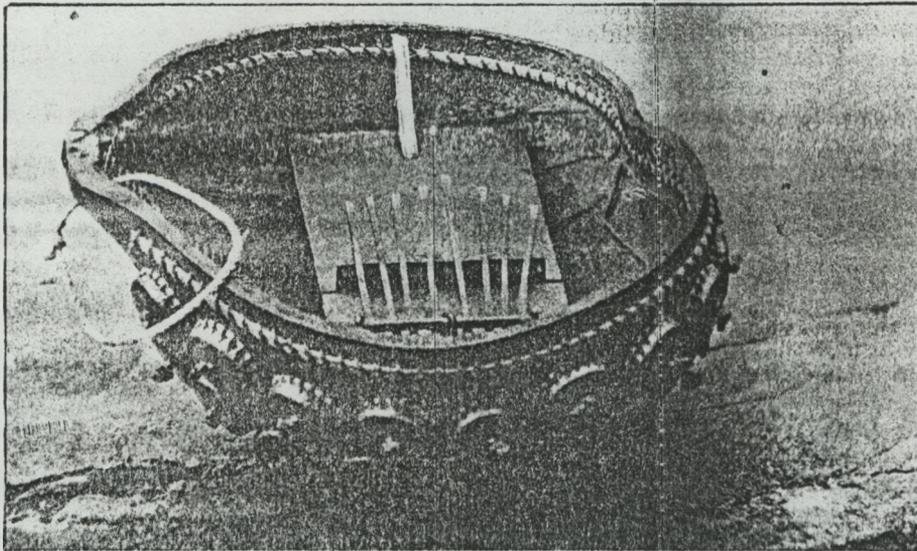


Para um estudo sistemático da Mbira

Por John Marney

A «Mbira» é um instrumento musical afinado composto de um número variável de palhetas presas a uma tábua de madeira sonante. As palhetas são na maior parte dos casos ligeiramente curvas. Uma barra apertada fixa as palhetas permitindo ao mesmo tempo todos os movimentos (fig. 1). O tocador segura a tábua com ambas as mãos e dedilha as palhetas com os polegares e às vezes com os indicadores.



Mbira

A «Mbira» é tocada numa grande variedade de contextos musicais e normalmente acompanhada pela voz do tocador. A «Mbira» aparece muitas vezes em pequenos conjuntos com outras «Mbiras», matracas e tambores acompanhando dançarinos. O bem conhecido etnomusicólogo Gerhard Kubik descreveu um tipo de «Mbira» encontrado na Província de Tete, tocada por dois músicos. Um músico toca com duas varetas na cabaça (que faz de caixa de ressonância da «Mbira») e o outro dedilha as palhetas (1). Vários quadros do artista Thomas Baines, de 1859, mostram na região de Tete «Mbiras» acompanhadas por flautas de

vários tubós («Nyanga»), matracas e um xilofone (2).

A maioria de «Mbiras» têm quatro elementos distintos:

- 1 — Uma tábua de som;
- 2 — Um número determinado de palhetas;
- 3 — Um meio de ampliação do som;
- 4 — Um artifício para produzir o «zumbido» que é parte integrante da música.

A tábua de som da «Mbira» é normalmente feita de madeira dura. Às vezes utilizam-se outros objectos como, por exemplo, latas. Uma cabaça ou uma caixa de ma-

deira fina e leve pode ser acrescentada para funcionar como caixa de ressonância.

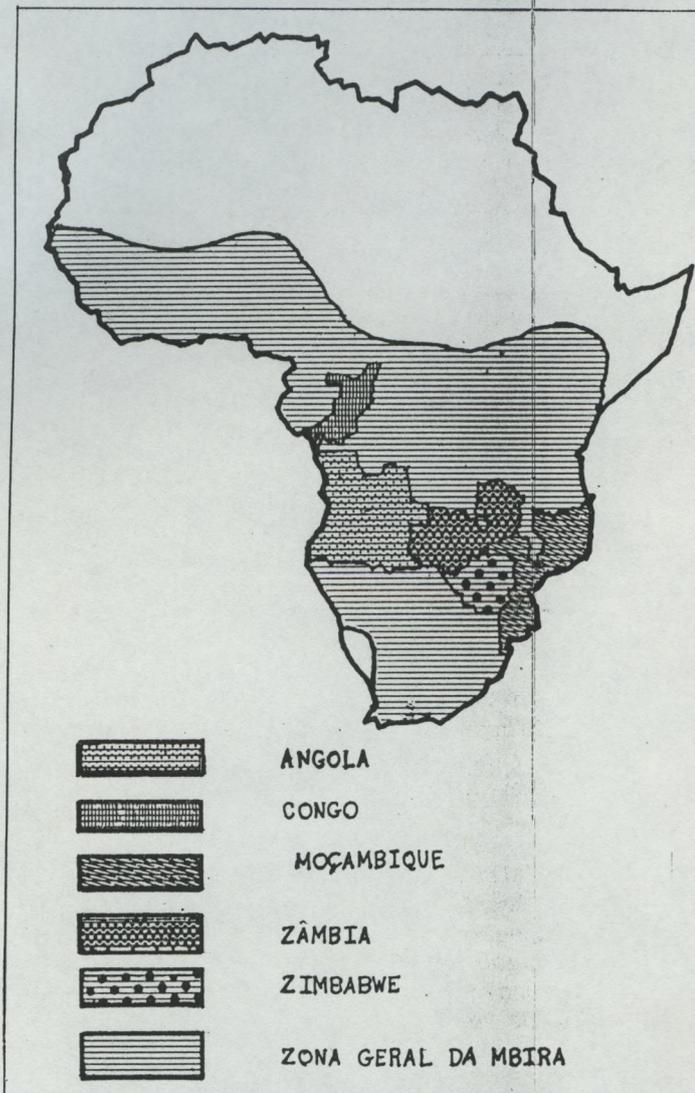
O número de palhetas que é variável pode ir de muito pouco até cinquenta ou mais. As palhetas são normalmente de ferro mas podem ser também de latão ou cobre e ainda de bambu. A consistência das palhetas é flexível, respondendo facilmente ao toque mas em algumas «Mbiras» encontram-se grossas palhetas de ferro. Neste caso são necessários anéis de metal semelhantes a palhetas de banjo para proteger os polegares do tocador e a maneira de tocar é mais pesada.

Na música da «Mbira» a qualidade do zumbido é muito importante. Por isso muitas «Mbiras» possuem meios especiais para produzir o zumbido desejável. Um desses meios consiste em fazer uma abertura na tábua que se cobre com uma membrana (de ovo de aranha) ou com papel fino. Esta membrana vibra quando a palheta (normalmente uma das maiores) é dedilhada (3).

Artifício semelhante é usado em muitos xilofones africanos incluindo os dos Sena e Chope. Hugh Tracey que descreveu a «Timbila» dos Chope diz «... a membrana colocada sobre o pequeno bico da cabaça não é um amplificador de som mas apenas um nasalador da nota ressonante produzida na cabaça. Isto pode ser facilmente verificado imobilizando a membrana com o dedo. Este nasalado ou zumbido é o elemento favorito dos músicos africanos. A «Mbira» dos Karangas e das outras tribos possui quase invariavelmente uma zumbideira de metal que se obtém com tampas metálicas ou membranas estiradas em pequenos buracos tal como nas «Timbila» (fig. 4).

A «Mbira» possui inúmeras formas e centenas de nomes diferen-

(Mapa 1)



tes em toda a chamada África negra. Os nomes diferentes porque é conhecida reflectem diferenças no instrumento. Mas muitas reflectem apenas diferenças linguísticas. Por exemplo, em Moçambique o instrumento conhecido por «Njari» pelos falantes de Nyungwe e Manyika é um instrumento muito diferente do «Cassase» tocado pelos falantes de Lomwè. Por outro lado, um tipo de «Mbira» localmente conhecido como «Ndimba» na Província de Tete é praticamente o mesmo que a «Kalimba» da Zâmbia.

A «Mbira» é um instrumento musical tocado em África e em outras partes do mundo. Em África é possível encontrar-se a «Mbira» da África do Sul ao Congo e Etiópia, da costa de Moçambique ao Níger e Serra Leoa. A distribuição da «Mbira» em África está representada no mapa 1. As

áreas de concentração indicadas situam-se em Angola, Congo, Zimbabwe, Zâmbia e Moçambique.

A «Mbira» ou instrumentos semelhantes à «Mbira» são também tocados no Brasil, Antilhas, Cuba, Haiti, Porto Rico, Jamaica, Estados Unidos da América e ainda na Indonésia (mapa 2). É quase certo que os instrumentos tenham sido levados para esses lugares por escravos africanos.

Nos primeiros escritos sobre a «Mbira» notou-se a semelhança que existe, em certas culturas, entre o nome dado à Mbira e o xilofone. Frei João dos Santos escreveu em 1586 que na África Sudeste o nome «AMBIRA» se aplica a ambos, «Mbira» e xilofone (5). Hugh Tracey indica o nome «MARIMBA» para ambos, «Mbira» e xilofone, na costa oriental de África bem como no Congo.

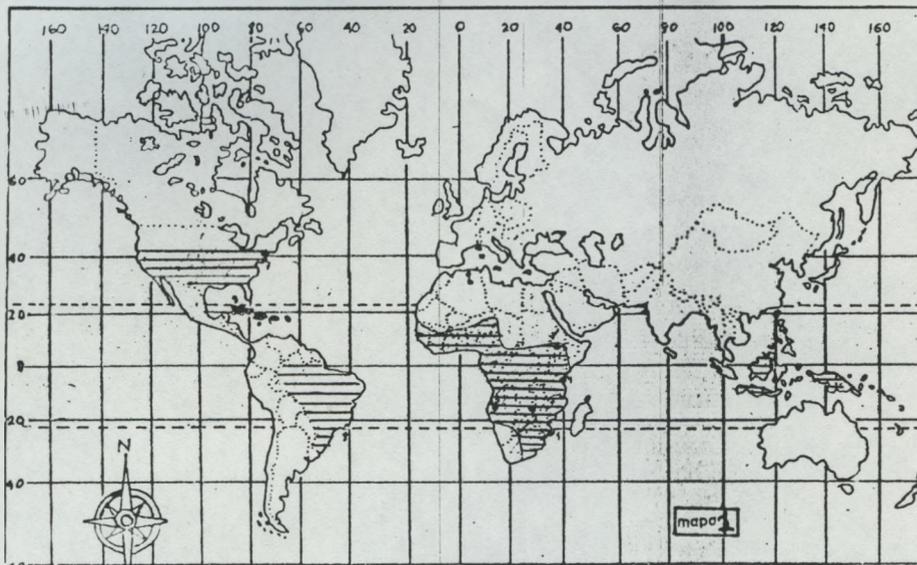
Kirby (1934) refere que certos

grupos étnicos utilizam para ambos. Mbira e xilofone, o nome de «Mbira» e considera que a palavra... significa actualmente o conjunto de tábuas de madeira (ou palhetas de metal) e talvez mesmo a sucessão de sons constituindo a escala de acordo com a qual o instrumento é afinado» (6). Outro etnomusicólogo, A.M. Jones conclui que as Mbiras africanas e os xilofones compartilham de afinações semelhantes e na base da afinação e da nomenclatura tirou a conclusão de que a Mbira é essencialmente uma miniatura e um «xilofone portátil» (7).

Etnomusicólogos como Gerhard Kubik e Andrew Tracey defendem que a Mbira é um instrumento africano original. Kirby e Jones consideram que o xilofone, e por implicação, a Mbira, representa uma adaptação material do metalófono Indonésio. Jones sugere mesmo que o desenvolvimento da «Mbira» deve ter sido originalmente Indonésio em vez de africano. Kirby refere, em defesa da sua posição, o intenso tráfico Indonésio praticado com os povos Bantu da costa oriental de África. O facto de mostrar semelhanças entre duas culturas não prova que elas se tenham desenvolvido uma em função da outra. É possível ocorrer um desenvolvimento semelhante relativamente a duas culturas mesmo que se tenham desenvolvido de forma independente.

Como Andrew Tracey refere, nalgumas partes de África não existe qualquer relação entre a Mbira e o xilofone. Por exemplo no caso da «Deza» (tipo de Mbira Zimbabweana), em termos de afinação e estilo musical, não tem nenhuma relação com o xilofone. Tracey defende que o xilofone tem uma história completamente separada. Outro exemplo é o caso do Zimbabwe onde inúmeros tipos de Mbira existiam na cultura Shona há centenas de anos e onde o xilofone só recentemente foi introduzido.

Assim, por numerosas razões, concluímos que a Mbira é um instrumento musical africano original: primeiro porque é um instrumento muito espalhado na África negra; segundo porque desempe-



(Mapa 2)

nhou importantes papéis religiosos e sociais onde os xilofones não têm lugar comparável e finalmente porque em todas as partes do mundo para além de África onde a Mbira é encontrada, a sua existência pode ser atribuída ao tráfico de escravos.

A MBIRA EM MOÇAMBIQUE

As Mbiras encontradas em Moçambique podem distinguir-se umas das outras em função de três factores:

1. Estilo musical (técnica de tocar, escalas etc).
2. Características físicas (forma da tábua, arranjo e número de palhetas, etc.).
3. Duplicação de notas.

Na maior parte das Mbiras de Moçambique as notas graves estão localizadas no centro do teclado e as palhetas curvam em direcção ao exterior. Única excepção parece ser a «Mbira dza vandau» na qual as notas graves situam-se à esquerda.

Todos os tipos de «Mbira» existentes em Moçambique partilham aspectos comuns na técnica de tocar. As palhetas laterais de ambos os lados são usualmente dedilhadas com um toque dos dedos indicadores, enquanto as palhetas do centro são dedilhadas com o toque dos polegares.

Na literatura sobre música até agora publicada não existe uma

descrição completa de todos os tipos de «Mbira» existentes em Moçambique, não sendo possível portanto determinar todas as suas características. Seguidamente descrevem-se as três tradições principais de «Mbira» em Moçambique com o objectivo de apresentar a diversidade existente. Nestas tradições existe um leque de variações do aspecto físico da «Mbira», afinação, estilo musical etc. Até certo ponto estas diferenças

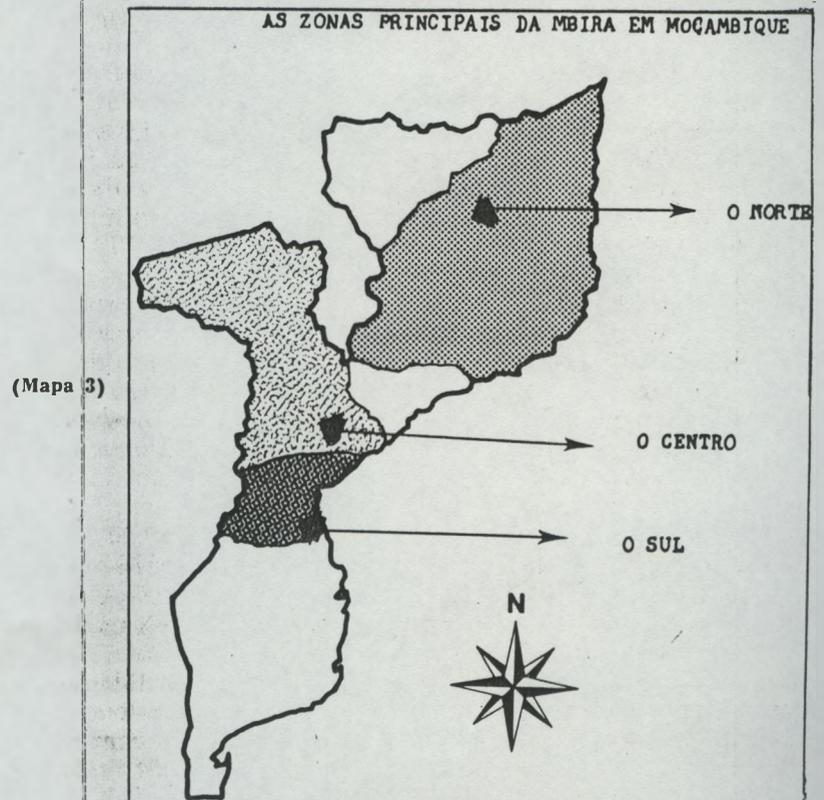
reflectem uma combinação do estilo do fabricante do instrumento, o gosto do tocador e a parte do país onde o instrumento é tocado (mapa 3).

1. O NORTE

O tipo de «Mbira» do norte é um pequeno instrumento de sete ou oito palhetas, muitas vezes feitas de palhetas de guarda-chuva (semelhante à «Malimba» do sul da Tanzania) presas a um pedaço de madeira lisa. O qual por sua vez é preso à parte aberta de uma larga cabaça ressonadora. Este tipo de «Mbira» é normalmente tocado em solo, com os dois polegares dedilhando para baixo e o indicador da mão direita para cima. A cabaça ressonadora apresenta geralmente peças de metal, tampas de garrafa também de metal, cascas de fruta etc. Estes tipos de «Mbira» encontrados em Moçambique são conhecidos por «Chitata» pelos falantes de Makua e Makonde e por «Cassasse» pelos falantes de Lomwè.

2. O CENTRO

Em África a área mais rica em «Mbira» estende-se ao longo da bacia do Zambeze no centro de



(Mapa 3)

Moçambique e inclui quase todo o Zimbábue e partes da Zâmbia e o Transvaal (África do Sul). De acordo com estudos levados a cabo existem nove tipos principais de «Mbira» na zona central de Moçambique (Tete, Manica e partes da província de Sofala) distinguindo-se uns dos outros principalmente pelo número de palhetas as quais variam de oito (KALIMBA) a trinta ou mais (NJARI).

As palhetas são normalmente dispostas em duas fileiras, uma sobre outra, com as notas mais graves no centro da tábua.

A harmonia é um importante princípio da música desta zona. Há um número «standard» de sequência de acordes nas quais se baseia a maioria do repertório. A maioria dos acordes não utilizam intervalos de terça, como em outras partes de África, mas intervalos de quarta e quinta. Segue-se uma análise de uma sequência de acordes característicos. Os números de 1 a 7 referem-se às sete notas da escala por ordem ascendente.

5 7 3 5 1 3 5 7 2 4 5 2
 1 3 6 1 4 6 1 3 5 7 3 5

A maioria das «Mbiras» desta zona é colocada dentro de uma cabaça grande para obter ressonância extra. Conchas e tampas de metal de garrafas são muitas vezes presas nos bordos da cabaça dando ao som do instrumento o «zumbido» característico. Embora normalmente tocadas para entretenimento, um número limitado dos diferentes tipos de «Mbira» encontrados no centro de Moçambique é utilizado em cerimónias aos espíritos («NJARI», «HERA» e «MBIRA HURU»).

Os nomes dos nove tipos principais de «Mbira» na zona central e os povos que os tocam são:

KALIMBA Nsenga, Ngoni, Chewa, Nyungwe, Chikunda
 NDIMBA Nsenga
 KARIMBA Nyungwe, Chikunda, Sena, Tawara
 NJARI Nyungwe, Sena, Manyika
 NJARI
 HURU Chikunda

HERA OU
 MATEPE Nyungwe, Tawara, Sena

MANA EM-
 BUDZE Sena, Nyungwe

MBIRA
 HURU Manyika

NYONGA-
 NYONGA Barwe, Gorongozi, Sena

Para além dos nomes locais existem três termos genéricos utilizados nesta área (centro). São eles: MBIRA, MARIMBA e NSANSI; parece ter originado o engano sobre o SANSÁ termo que está presente na literatura sobre a música da Mbira e que muitos etnomusicólogos utilizam para designar a Mbira. A origem do erro parece estar na publicação de David e Charles Livingstone (Expedição ao Zambéze 1858/1864). Hugh Tracey considera que Charles Livingstone ouviu erradamente o nome NSANSI e por isso escreveu SANSÁ (8). Na mais antiga referência à Mbira, em 1586, o missionário Frei João dos Santos refere-se mais exactamente à AMBIRA actual. Este nome actualmente pronunciado MBIRA utiliza-se em grande parte da África sul-oriental. Hugh Tracey argumenta que o termo MBIRA deveria substituir o termo SANSÁ como o nome genérico para o instrumento por causa da extensão do seu uso em África e ainda porque acredita que o grande desenvolvimento tecnológico e musical do instrumento foi conseguido sob o nome Mbira.

3. O SUL

O instrumento do sul, conhecido como «Mbira dza vandau» é tocado nas regiões a sul do Rio Púnguè por falantes de Ndau. Existe uma vasta gama de números de palhetas (de 20 a 40) e afinações. Diferentemente da maior parte das outras Mbiras encontradas em Moçambique, «Mbira dza vandau» tem as palhetas maiores situadas no lado esquerdo. Este instrumento é também distinto porque consiste de dois instrumentos diferentes contidos num só. Quer dizer, nem todas as notas são usadas para cada melodia, algumas das

palhetas são usadas para peças antigas e outras para peças novas.

Para concluir queremos dizer que devido à importância da Mbira como património importante para a música moçambicana os futuros estudos deverão ser orientados na seguinte direcção:

- 1 — Investigação histórica da Mbira;
- 2 — Pesquisa exaustiva da distribuição pelo território e classificação tipológica das diferentes formas encontradas;
- 3 — Estudo da natureza do sistema tonal;
- 4 — Análise das técnicas de tocar;
- 5 — A transcrição da música;
- 6 — Função social do instrumento e da música através dos tempos.

Sublinhamos que este trabalho deverá ser feito com um estudo comparativo constante, da evolução da «Mbira» nos países desta zona (África Austral) como Zimbábue, Zâmbia, Malawi, Angola e Tanzania. □

REFERENCIAS:

1. Gerhard Kubik — *Recording and Studying Music in Northern Mozambique* 1964.
2. Thomas Baines — *Documentos no National Archive of Rhodesia*.
3. John Marney — *Notas do campo (Tete)* 1982.
4. Hugh Tracey — *Chopi Musicians* 1948.
5. George McCall Theal — *Records of South Eastern Africa* 1901.
6. Percival R. Kirby — *The Ethnology of African Sound Instruments* 1934.
7. A. M. Jones — *Indonesia and Africa: The Xylophone as a Culture Indicator* 1960.
8. Hugh Tracey — *A Case of the name Mbira* 1961.